

Recolha, escolha, eficácia: o *ethos* da *inventio*

João Hilton Sayeg-Siqueira

HORA DAS LUNES: Exórdio

A memória é um dos instrumentos imprescindíveis de trabalho para o ser humano, seja para realizar tarefas mecânicas seja para elaborar conceitos. Assim se dá e se desenvolve a aprendizagem. Fatos, resultados de um fazer, são transformados em ocorrências, interpretações semânticas deles, a partir de um dado ponto de vista. O fato nunca é permansivo, por ser capturado num fragmento de segundo pela capacidade sensitiva humana que o filtra e o reelabora a partir de pilastras sociais que estabelecem valores políticos, econômicos e culturais.

Os dados da memória sempre são derivas do mundo real. Com apoio em Indursky (2013), pode-se considerar que a deriva decorre de um rompimento, primeiro com o fato, depois, com os próprios dados da memória que não são trabalhados com a mesma significância sempre que retomados, pois passam por processos de ajustes, acréscimos e apagamentos, enfim, de ressignificações. Nos processos de acréscimo, a base referencial é mantida; nos de apagamento, ocorre o desprendimento de qualquer filiação e é estabelecido um novo substrato.

Os dados, ligados a uma filiação, trazem, na consciência, as fontes de decorrência; os derivados, apagam a procedência e passam a se constituir numa nova matriz de informação. Segundo von Helmholtz (*apud* FERREIRA, 2010), o apagamento é uma atividade involuntária da memória que transporta as referências conscientes para o inconsciente, mantendo laços associativos, mas sem a ativação direta da consciência sobre a proveniência dos dados.

Associações correspondem a um dos mecanismos de construção da aprendizagem, em que situações empíricas e conteúdos abstratos se imbricam e desvendam o mistério do conhecer. Um dos pilares da construção de conhecimento por associação é a narratividade, porta para elucidar muitos enigmas da ciência, haja vista que a Física a tem como seu aporte. É pela memória, pela associação e pela narrativa que reflexões serão tecidas sobre a *inventio*.

HORA DAS MATINAS: Narração – A recolha

Muitas histórias, há muito, povoam o imaginário ocidental, embora, nem sempre, sejam ocidentais. Essas narrativas se fazem presentes ora por trazerem uma referência abalizada, importante para a sustentação de uma opinião ou para causar um impacto tartamudeador; ora para servir de ilustração ou de fonte para algum dizer, sem menção à origem, por ser dispensável ou por estar apagada do consciente.

Narrativas clássicas, com forte apelo popular, que ganham grande projeção, são as mais recorrentes. Estão sempre vindo à baila, por citação direta ou indireta, ao se retomar um clima romântico, ao se descrever uma situação inspiradora, ao se entreter com um caso intrigante. Por este, começa-se.

Numa região rural da Inglaterra, num ambiente soturno, cercado por grande pântano, mora uma família aristocrata, marcada por grandes tragédias. A mansão onde residem é um patrimônio hereditário, como todos os bens familiares. Todo descendente que assumia o patriarcado familiar era assassinado por um cão diabólico, com pelos fosforescentes e língua flamejante, e o extinto era consumido pelo pântano. A primeira vítima foi sir Hugo, decano da família; depois, sir Charles; e, corria grande perigo, o próximo na sucessão, sir Henry. Temeroso pela vida de sir Henry, o vizinho, Sir Spatelon, chama um detetive astuto, da rua Baker de Londres, com seu assistente, que, depois de velho, conta a história dos assassinatos da família Baskerville.

Sir Arthur Conan Doyle chamou esse romance policial de “O cão dos Baskerville”, narrado por dr. Watson, assistente ficcionado pelo mestre Sherlock Homes que assevera:

Quanto mais ultrajante e grotesco um incidente for, com maior cuidado merece ser examinado, e exatamente o detalhe que parece complicar um caso é, quando bem considerado e cientificamente analisado, aquele que mais provavelmente o elucidará.¹

A ambientação, recurso descritivo, é muito importante para a criação do clima necessário para o desenvolvimento de uma narrativa. Às vezes, um ambiente externo, como o pântano em que vive o cão flamejante; às vezes, interno, como um mosteiro, ou, mais interiorizada, uma biblioteca, como a descrita por Jorge Luis Borges, que morreu cego aos 97 anos, em 1986. Seu complexo conto “A biblioteca de Babel” traz a aclimação de uma biblioteca, patrimônio de conhecimentos, analisada sobre os mais diversos ângulos, como a corresponder às angústias e aos anseios da humanidade, permitindo grande número de interpretações, como as indefinidas e infinitas áreas de composição.

¹ Doyle, 2013.

O UNIVERSO (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente.²

Outras vezes, a ambientação é íntima, no leito de núpcias do rei Shahryare da donzela Scheherazade. O rei, decepcionado com a infidelidade da primeira esposa, decide que todas as mulheres são potencialmente infiéis, por isso, a fim de resguardar a honra masculina, a solução é extirpá-las da sociedade e, assim, foi tendo uma sucessão de casamentos e de assassinatos. Até que chegou Scheherazade que, num clima de magnetismo romanceado, como uma aranha tece o destino e seduz a vítima (retoma-se aqui a lenda do Minotauro, o fio de Ariadne que salva Teseu, e o resgate dessa fábula em “O beijo da mulher aranha” de Manuel Puig), ela foi enredando em narrativas o rei que, na expectativa dos epílogos, estendia o prazo de executá-la.

Dentre as diversas histórias que se estenderam por 1001 noites, estava a do rei Malek Yunan e o sábio alquimista Duban. O rei padecia de uma doença de pele que médico nenhum conseguia sanar. Chegou o sábio Duban, detectou que o rei vivia enclausurado em seu castelo, analisou a situação e comprometeu-se em curá-lo. O rei entusiasmado promete-lhe o mundo e os fundos. Duban recomendou que se exercitasse ao sol, o que fez a descamação da pele sumir. O rei, encantado e agradecido, passou a promover Duban na corte, causando grande e forte ciúme em seu vizir invejoso que começou a sugestionar o rei de que o sábio alquimista, como o curou, poderia matá-lo para surrupiar sua fortuna e seu poder. O rei, descompensado emocionalmente, se deixa iludir e condena Duban à morte. O sábio pede um tempo para presentear o rei com seu livro de alquimias. O rei concede, e Duban pega um livro com páginas em branco e as envenena. Leva o livro ao rei que, curioso, o abre e começa a folheá-lo sem encontrar nada escrito, e Duban insiste: *Majestade, tente outra vez!* Mas, devido à solução líquida venenosa, espargida nas folhas, as páginas ficaram grudadas e o rei, para facilitar o manuseio, umedece o dedo na língua. Assim, aos poucos, vai absorvendo o veneno impregnado no dedo e morre.³

Por meio de narrativas, faz-se a recolha, arquivos guardados, consciente ou inconscientemente, na memória. São registros duais, dialógicos, dialéticos de uma vida de leituras, de aventuras e de experiências que entrecruzam e intertextualizam polos contraditórios. É a primazia do interdiscurso que estabelece a base intelectual e comunicativa das manifestações elocucionais do ser humano, principalmente, quando o foco é a criação de argumentos e de instrumentos de prova.

2 Borges,

3 Disponível em: <https://kupdf.net/download/livro-das-mil-e-uma-noites-vol-1-anonimo>

HORA PRIMA: Apoio teórico

O estopim para o surgimento da Retórica foi o contraditório, princípio assegurador da proteção do direito cidadão, por ser utilizada para vencer debates e convencer um auditório por meio de um conjunto de técnicas atreladas a atividades política, econômica e cultural da polis. Pelo contraditório, tem-se o confronto de opiniões, que não precisam, obrigatoriamente, ser divergentes, basta serem diferentes. O confronto não está assentado em palavras ou frases soltas, mas na articulação delas em enunciados, isto é, expressões linguísticas que gozem de um valor de verdade e que tenham uma reverberação social.

O oposto implica sempre o dual que pode acirrar posições, por incompatibilidades, ou atenuar divergências, por complementaridade consentânea. Tanto em um quanto em outro, tem-se o princípio da dialogicidade. Para se ter uma defesa ou uma acusação cidadã, é preciso se ponderar, ou seja, considerar dois lados que se articulam em busca de um resultado único, absolvição ou condenação.

A sistematização do estudo sobre dialogicidade vem de Bakhtin (2010), que apregoa que todo enunciado traz, consigo, enunciados outros já ditos e projeta enunciados a serem ditos a partir dele. Sendo assim, todo enunciado é dialógico, por convergência ou por divergência, dada a ocorrência de confirmação ou de contradição. A constituição do dialogismo ocorre por uma confluência de vozes que podem se mostrar ou ficarem ocultas no fio enunciativo. Conforme classificação do próprio Bakhtin (2010), o discurso do outro pode ser inserido no enunciado de duas maneiras, por citação direta, nomeada e separada, ou pelo imbricamento de enunciados, sem a preocupação (muitas vezes inconsciente) do citante de destacá-la para haver identificação.

As noções de dialogismo podem ser encontradas de forma sistematizada nas análises que Bakhtin faz da obra de Dostoiévski, em busca da configuração do gênero polifônico no romance. Esse estudo serviu de ponto de partida para Kristeva (2005) analisar o enfoque dialógico existente no texto, ao considerá-lo um mosaico de citações, a que chamou intertextualidade, ou seja, ponto de encontro e de interação de vários textos. Todo texto pressupõe um processo contínuo de incorporação de vários outros textos, anteriores ou contemporâneos, e de projeção de textos vindouros nele baseados. Um texto se torna propriedade daquele em que se encontra, por isso, um enunciado ganha outro sentido complementar, a cada nova localização, sem, no entanto, destruir a significação inicial.

O dialogismo, numa abordagem discursiva, encontra-se em Authier-Revuz (1990), ao considerar que a configuração de todo discurso é estabelecida pelo atravessamento de outros discursos, o que lhe dá uma constituição heterogênea, por meio de associação, de complementaridade, de contrariedade ou de incompatibilidade. Para a autora, existem dois tipos de heterogeneidade, a mostrada e a constitutiva. A heterogeneidade mostrada pode estar explicitamente marcada, por meio de citações, intermediadas por formas sintáticas do discurso direto,

destacadas ou aspeadas, e do discurso indireto referenciado; ou pode recorrer a uma referência implícita, como é o caso da ironia, do discurso indireto livre, de recursos figurativos da linguagem, resgatados por marcações lexicais. A heterogeneidade constitutiva não aparece marcada linguisticamente de forma explícita, pois diz respeito aos processos reais de constituição do discurso, que é atravessado por outros discursos e, no seu interior, sempre os comporta.

Fairclough (2001) associa as noções de heterogeneidade à de intertextualidade e estabelece uma diferenciação entre intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva. Por intertextualidade manifesta, Fairclough (2001, p. 114) entende “a constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos” e, por intertextualidade constitutiva, a interdiscursividade, e assevera “a interdiscursividade estende a intertextualidade em direção ao princípio da primazia da ordem de discurso.”

A intertextualidade, nessas duas dimensões, é parte indispensável para a formação discursiva (interdiscursividade) e para a análise da prática discursiva nela engendrada e identificada pela retomada de outros textos, pois a propriedade de um texto traz, em seu interior, partes de outros textos. Segundo Indursky (2011, p. 87-8), a memória discursiva é circunscrita aos saberes de uma formação discursiva (FD), uma vez que “o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada”. Assim vista, a memória pode ser considerada um jogo dinâmico de reprodução, de revisão ou de refutação de discursos.

HORAS MÉDIAS: Confirmação

Em Retórica, este é o estágio da subdivisão das provas em que se apresentam as escolhas e sua eficácia argumentativa. Sustentado por Figueiredo e Ferreira (2016), pode-se, malparado, considerar o momento em que o autor busca reunir provas e argumentos plausíveis para a elaboração de seu discurso, com base em conhecimentos sólidos ou em devaneios inconscientes da memória.

HORA TERÇA: As escolhas

Na memória, viva em registros factuais e fictícios, descortina-se um cenário de lugares soturnos, numa época de sombras, de dúvidas e de temor, em que figuras íntegras, sorradeiras e arditosas, cheias de nomes e tradições, se cortejam e se digladiam em espaços labirínticos, geometricamente planejados. É a escolha de personagens, da localização e de peculiaridades intrínsecas e extrínsecas.

Uma personagem da família Baskerville, oriunda da região de Dartmoor, ao sul da Inglaterra, viveu na Idade Média, em 1327. Pelas características do domínio religioso da época, trata-se de um frade franciscano, destoante da hierarquia cleri-

cal da Igreja Católica, por isso, observador, astuto e contestador. É-lhe designado um jovem assistente, monge beneditino, monástico e abdicado, de Melk, região, na época, autro-húngara, hoje austríaca. O mestre de nome William (Guilherme, na tradução brasileira) e o assistente, Adso vão em uma peregrinação pelas terras italianas, em busca de um mosteiro para analisar conflitos clericais malsinados.

Um mosteiro, lúgubre, traçado como um labirinto, mais intrincado ainda, na disposição da biblioteca, octagonal, com portas e escadas dissipando-se por direções obscuras, muitas vezes, de difícil retorno. Nesse cenário, além das dissensões, há um bibliotecário cego, Jorge, de Burgos (região da Espanha), e o encadeamento de assassinatos, girando em torno de um livro cujo conteúdo rompe a austeridade monástica.

William (Guilherme) e Adso, a partir daí, passam de autoridades eclesiásticas a detetives, em busca de esclarecer e solucionar a autoria da sucessão de crimes. Esse clima policial de suspense é a escolha feita para a expansão narrativa do relato.

HORA SEXTA: A eficácia

Umberto Eco escreveu o romance mais lido nas décadas de 1980 e de 1990, “O nome da Rosa”, que conta uma história, passada na Itália, no período medieval, de um frei franciscano, William (Guilherme) de Baskerville e de seu acompanhante, o noviço Adso de Melk. O cenário é um mosteiro beneditino, para onde um frei é chamado para participar de um concílio do clero que investiga crimes de heresia. Mas, os dois são surpreendidos por assassinatos misteriosos. Essa aventura é Adso, já velho, que relata:

Chegado ao fim da minha vida de pecador, velho encanecido como o mundo, à espera de me perder no abismo sem fundo da divindade silenciosa e deserta, participando da luz incomunicável das inteligências angélicas, retido agora pelo meu corpo pesado e doente nesta cela do querido mosteiro de Melk, disponho-me a deixar neste velo testemunho dos admiráveis e terríveis eventos a que na juventude me foi dado assistir [...] e ser testemunha transparente dos acontecimentos que tiveram lugar na abadia [...] ao findar o ano do Senhor de 1327 [...] acaso a minha memória está em condições de reatar os fios de tantos e tão confusos eventos.

Na tentativa de solucionar os admiráveis e terríveis eventos, como um Sherlock Holmes de batina, o frei se investe da figura de um astuto detetive inglês, e, com seu assistente começam a percorrer, vasculhar, perscrutar a estrutura labiríntica do mosteiro, atrás do assassino.

- Meu bom Adso - disse o mestre. - Em toda a viagem te tenho ensinado a reconhecer os traços com que o mundo nos fala como um grande livro [...] o universo é ainda

mais loquaz [...] não só fala das coisas últimas (caso em que o faz sempre de modo obscuro) mas também das próximas, e nisto é muito claro.

William (Guilherme) é muito astuto e perspicaz, sabe das dificuldades de locomoção e localização no mosteiro, principalmente no intrincado labirinto de uma biblioteca secreta:

A biblioteca tem cinquenta e seis salas, das quais quatro heptagonais e cinquenta e duas mais ou menos quadradas, e, destas, quatro não têm janelas, enquanto vinte e oito dão para o exterior e dezesseis para o interior! – E os quatro torreões têm cada um cinco salas de quatro lados e uma de sete... A biblioteca está construída segundo uma harmonia celeste a que se podem atribuir vários e miríficos significados... - Esplêndida descoberta – disse -, mas então por que é tão difícil orientarmo-nos nela? - Porque aquilo que não corresponde a nenhuma lei matemática é a disposição das passagens. Algumas salas permitem a passagem a muitas outras, algumas outras a uma só, e há que perguntar se não haverá salas que não permitem a passagem a nenhuma. Se considerares este elemento, mais a falta de luz e a ausência de indício fornecido pela posição do Sol (e acrescenta-lhes as visões e os espelhos), compreenderás como o labirinto é capaz de confundir quem quer que o percorra.

Com cuidadosa e pormenorizada investigação, eles descobrem que a biblioteca secreta estava interligada aos acontecimentos mórbidos do lugar. Tal biblioteca guardava livros e escrituras da antiguidade clássica, considerados incompatíveis com os dogmas da Igreja Católica. Sobre esse ponto, Agostinho de Hipona (2002) alerta que os cristãos podem e devem tomar da filosofia grega pagã tudo aquilo que for importante e útil para o desenvolvimento da doutrina cristã, desde que seja compatível com a fé.

Esse é o preceito que desencadeia os obscuros acontecimentos. Uma das crenças difundidas pelos poderosos do alto clero era a de que o riso, a diversão e a comédia desvirtuavam a sociedade, tirando o foco da espiritualidade e do temor à Deus. Assim, não era recomendado que os circumspectos religiosos rissem, por isso, um dos livros proibidos que estava na biblioteca era uma suposta obra do pensador grego Aristóteles que versava justamente sobre o riso: “talvez já então preocupado, porque tinha ouvido alguém no scriptorium manifestar uma certa curiosidade ou sobre o finis Africae ou sobre o livro perdido de Aristóteles, ou sobre ambos.”

A estratégia era punir com a morte quem adquirisse qualquer conhecimento sobre esse assunto, pois, se não fosse extirpado, poderia se alastrar e contaminar a siseudez monástica tão almejada. Por isso, somente alguns monges tinham acesso a essa biblioteca e quem conseguisse chegar a ela acabava morrendo envenenado caso tentasse folhear o livro de Aristóteles que tinha as páginas envenenadas e de difícil manuseio. Para folheá-lo era necessário molhar os dedos na língua e, assim, vinham a sucumbir. O monge Bêncio observa a William (Guilherme):

– ...procurei ler a primeira página, mas na verdade eu conheço o grego muito mal, teria tido necessidade de empregar mais tempo. E por fim intrigou-me um outro pormenor, precisamente a propósito das folhas em grego. Não as folheei de todo porque não consegui. As folhas estavam, como dizer, impregnadas de umidade, não se separavam bem umas das outras. E isto porque o pergaminho era estranho... mais macio que os outros pergaminhos, o modo como a primeira página estava corroída, e quase se desfazia, era... em suma, estranho.

O ponto forte para a solução do mistério foram as manchas pretas na língua e no dedo dos monges, causadas pelo veneno borrifado na obra:

Já descrevi o aspecto de Malaquias, mas naquela noite, [...] uma respiração difícil saía daqueles lábios requeimados. Abriu a boca e, inclinado para trás de Guilherme, que se tinha inclinado sobre ele, vi agitar-se na fiada dos seus dentes uma língua já negra. Levantou uma mão trêmula, agarrou Guilherme pelo peito, [...] débil e roucamente, proferiu algumas palavras: - Tinha-mo dito... na verdade... tinha o poder de mil escorpiões... [...] Depois foi sacudido por um grande tremor e a cabeça caiu-lhe de novo para trás. O rosto perdeu toda a cor, toda a aparência de vida. Estava morto.

O mais abnegado e dedicado era o velho Jorge de Burgos, um dos monges mais idosos do mosteiro, que mesmo cego e decrépito era o verdadeiro "guardião" da biblioteca, descrito por Umberto Eco como "a própria memória da biblioteca". Jorge é, assim, a prosopopeia de biblioteca, pois, como os livros, mesmo fechado, apartado do mundo por sua cegueira, guardava dentro de si todo o conhecimento produzido.

Jorge, não era só o guardião da biblioteca, mas assumia a função magisterial da Igreja, resguardando-a de interferências externas: avaliando, advertindo, proibindo e extirpando. William (Guilherme) percebe essa obsessão monástica de Jorge e o coloca em xeque. Vai à biblioteca e pede para consultar o fatídico livro:

– Então não é verdade que me consideras tão sutil como isso, Jorge! Tu não vês, mas tenho as luvas. Com os dedos assim embaraçados não consigo separar as folhas umas das outras. Deveria proceder de mãos nuas, umedecer os dedos com a língua, como me aconteceu fazer esta manhã lendo no scriptorium, de modo que de repente também este mistério se me tornou claro, e deveria continuar a desfolhar assim enquanto uma boa dose de veneno não me tivesse passado para a boca. Digo o veneno que tu um dia, há muito tempo, tiraste do laboratório de Severino.

Desmascarado como autor dos assassinatos, Jorge está desmoralizado e, assim, seus conhecimentos caem no desprestígio. Por isso, como o dele foi depreciado, tenta destruir todo conhecimento armazenado em "sua" biblioteca. A reação foi incendiar a biblioteca, o que levou o fogo a se alastrar por todo mosteiro. Mas, William (Guilherme) e Adso conseguem salvar algumas obras.

A eficácia da obra está em desenvolver um enredo, apoiado no requinte de uma série de assassinatos, mas que procura, como objetivo principal, mostrar os meandros e pensamentos da corporação religiosa na Baixa Idade Média em contraste com as novas concepções humanistas que surgiam. Dessa forma, o que temos é uma narrativa que serve como uma crônica da vida clerical em época de instável transição entre o sagrado e o profano.

HORA NONA: A *inventio*

A história se passa em um momento crucial da humanidade quando se dá a transição do pensamento medieval para o raciocínio renascentista. William (Guilherme) de Baskerville representa o humanismo, o pensamento lógico, as novas ideias, a valorização da ciência e do ser humano. Ao passo que os demais religiosos simbolizam o pensamento arcaico e místico que envolveu toda a Europa durante o período medieval.

Para tanto, Eco inventaria, ou seja, detecta os procedimentos retóricos disponíveis para sua atuação como autor. Essa etapa da produção discursiva é chamada, desde a Retórica aristotélica de *euresis* (no grego), *inventio* (no latim, por Cícero). Barthes (1975, p. 183) diz que “a *inventio* é mais uma descoberta (dos argumentos) do que uma invenção propriamente. Tudo já existe, é necessário apenas encontrá-lo. É uma noção mais ‘extrativa’”:

A inventio é um caminho (via argumentorum). Essa ideia da inventio implica dois sentimentos: por um lado, uma confiança inabalável no poder de um método, de um caminho: se lançarmos a rede das formas argumentativas sobre o material com uma boa técnica, teremos certeza de colher o conteúdo de um excelente discurso; e por outro lado, a convicção de que o espontâneo, o ametódico não conduz a nada: ao poder da palavra final corresponde um nada da palavra original. O homem não pode falar se não concebeu sua palavra, e, para gerá-la, há uma techne especial, a inventio (Barthes, 1975, p. 183).

Nessa direção, *inventio* é achar o que dizer. É um termo latino que pode ser traduzido para o português como invenção, não no sentido de criação imaginária, mas no de descobrir, achar, encontrar, enfim, com o sentido originário de *invenire*. O homem não pode falar se não concebeu sua palavra, e, para gerá-la, há uma techne especial, a *inventio*.

Ferreira (2010) reforça que o discurso não se constrói, como se pensava antigamente, de forma rígida, pois, para que o orador consiga inventariar com plausibilidade, é necessário ter um bom conhecimento do tema proposto para o discurso e estabelecer, com a precisão disponível, o perfil do auditório ao qual irá se reportar. Para esse auditório, segundo Ferreira (2010, p. 63), “a invenção pode ser invisível para o auditório”, mas não a será para o analista retórico que a identi-

ficará nas outras etapas de composição do discurso, na disposição (dispositio) que diz respeito à ordem dada aos procedimentos retóricos encontrados; na elocução (elocutio), isto é, a redação adequada e eficaz do discurso; e na ação (actio), como o discurso é proferido.

HORA DAS VÉSPERAS: Provas

A obra, que Umberto Eco publicou em 1984, foi um sucesso editorial tão grande que provocou desdobramentos, pois, quatro anos após a primeira edição italiana, o autor publicou um “Pós-escrito a O nome da rosa”. Nele, cita apenas a referência feita a Jorge Luis Borges, que escreveu o conto, referido na Hora das Matinas, “A biblioteca de Babel”, e que, como Jorge de Burgos, também terminou seus dias cego. Não há qualquer menção às outras duas obras citadas, de Conan Doyle, “O cão dos Baskervilles”, e de Scheherazade, “O rei Yunan e o médico Duban”.

Essas observações nos levam à reflexão sobre a memória, e aqui, reportando a mais uma fase retórica da produção do discurso, não como é tratada na matéria, como habilidade mnemônica, mas como a faculdade de armazenar informações e de resgatá-las em estados conscientes ou inconscientes em processos de discursivização, como recurso de confirmação e de prova argumentativa.

Se Eco estava numa instância consciente, muito do inconsciente veio à tona. São muito claras as analogias entre a língua preta dos assassinados no mosteiro italiano e a língua flamejante do cão dos Barkevilles; como também a dificuldade para folhear as páginas envenenadas dos livros da biblioteca de Jorge e do sábio Duban. A especificação nominal é feita, por terem sido eles os responsáveis pelo envenenamento das páginas.

Outras similaridades se encontram na origem inglesa de Homes e de William, ao desempenharem o papel de detetive, bem como as identificações: a) toponímicas de Baskerville, alusão ao romance de Conan Doyle; b) e de Melk, correspondência sonora de Melk, região de procedência de Adso, com o prenome do rei Yunan, Malek; c) por fim, também, a semelhança sonora entre Adso e Watson, sendo, ambos, narradores das histórias.

HORAS COMPLETAS: Peroração

De euresis, em Aristóteles, a *inventio*, em Cícero, alude-se à primeira parte do discurso, numa perspectiva retórica. O primeiro texto de Cícero, na década de 80 a.C., *De Inventione*, traz uma abordagem pormenorizada da *inventio* (invenção), fase de recolha e de escolha de procedimentos retóricos, que consiste na seleção da matéria que o orador deve considerar na sua argumentação sobre um determinado assunto para, sem estar desvinculada de princípios éticos, construir com eficácia seu discurso. É um exercício de razão, ponto de partida para a persuasão.

A *inventio*, segundo Quintiliano, faz parte da estrutura linguística do discurso, é o registro dos argumentos selecionados, a respeito de um tema do discurso, para apresentá-lo ou defender-lhe uma causa. É a invenção, a busca, a descoberta de encontrar todos os argumentos e meios de persuasão que dizem respeito ao tema do discurso. A eficiência da escolha e da recolha possibilita a eficácia na organização, não só das ideias, mas também do modo de dizer os argumentos inventados.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Aurélio (Bispo de Hipona). **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.
- AUTHIER-REVUZ, **Jaqueline**. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.-dez.1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BARTHES, Roland. **A retórica antiga**. In: COHEN, Jean *et al.* Pesquisas de retórica. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2001
- FERREIRA, Arthur Arruda Leal. **A psicologia no recurso aos vetos kantianos**. In JACÓ-VILELA; FERREIRA; PORTUGAL (Org.) **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Luiz Antonio. A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Disponível em:<http://www.revel.inf.br/files/pdf>.
- INDURSKY, Freda. **O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva**. In Signo y Señá, número 24, diciembre de 2013, pp. 91-104 Facultad de Filosofía y Letras (UBA) <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index> ISSN 2314-2189 Dossier Análisis del Discurso en Brasil: teoría y práctica. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es> > descarga > articulo. Consultado em
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- XAVIER, Gilberto Fernando. **Memória, individualidade e inconsciente como expressões do funcionamento de redes nervosas: uma breve especulação**. São Paulo: Revista USP, n. 98, p. 31-40, jun.-ago. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br> > article